Marcos Fábio Alexandre Nicolau

Um breve excurso acerca das Lições sobre Filosofia da Religião de G. W. F. Hegel

RESUMO: O artigo propõe uma breve exposição da gênese e estrutura das Vorlesungen über die Philosophie der Religion (Lições sobre a Filosofia da Religião), de G. W. F. Hegel (1770-1831), que compreendeu a religião como uma das formas de autoexpressão do Espírito Absoluto na realidade, tendo por objetivo compreender que papel a religião pode exercer em um mundo esclarecido. Para tal, analisa o trabalho de organização das edições destas Lições, assim como sua sistemática e formulação da religião como momento formador da humanidade, expressão consciente e efetiva do Espírito enquanto.

PALABRAS CLAVE: Filosofia da religião; Absoluto; Sistema.

A brief tour of the Lectures on the Religion Philosophy of G. W. F. Hegel

ABSTRACT: The article proposes a brief exposition of the genesis and structure of G. W. F. Hegel's Vorlesungen über die Philosophie der Religion (Lessons on the Philosophy of Religion) (1770-1831), who understood religion as one of the forms of self-expression of the Spirit Absolute in reality, aiming to understand what role religion can play in an enlightened world. To this end, it analyzes the work of organizing the editions of these Lectures, as well as its systematic and formulation of religion as a formative moment of humanity, conscious and effective expression of the Spirit as a community.

KEYWORDS: Philosophy of religion; Absolute; System.

Artículo [PT] | ISSN: 2386-3994 | Recibido: 28-febrero–2021 | Aceptado: 30–septiembre–2021.

Hegel, em sua passagem pela Universidade de Berlim, proferiu as quatro *Vorlesungen über die Philosophie der Religion* (*VPhR*)[1], ocorridas nos semestres de verão de 1821, 1824, 1827 e 1831 (fragmentos). A primeira, realizada em 1821,

[1] No decorrer do texto utilizaremos como referência a edição: Hegel, G. W. F. Werke: [in 20 Bänden]. Auf der Grundlage der Werke von 1832-1845 neu edierte Ausgabe. Organizadas por Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986 – abreviada por W, seguida pelo número do volume e da página.

► **Marcos Fábio Alexandre Nicolau #1**, Mestrado Acadêmico em Filosofia, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Brasil. **Autor de correspondencia**: (✉) marcos_nicolau@uvanet.br — iD https://orcid.org/0000-0002-6077-8055.

estabeleceu em seu manuscrito a estrutura básica destes cursos que, apesar da reelaboração constante do filósofo no decorrer dos anos, manteve inalterada sua divisão em três partes: 1) *Introdução e Conceito de Religião*, 2) *Religião Determinada ou Finita*, e 3) *Religião Consumada ou Manifesta*. No entanto, longe de ser um problema, esta postura revisionista diante do tema apenas demonstrou a relevância e complexidade que a religião representava para o filósofo, além de constituir o principal testemunho da contínua evolução de seu pensamento neste ponto.

Nesta década berlinense, o tema da religião fora debatido ainda em outros escritos, dentre os quais destacam-se os parágrafos 564 a 571 dedicados à religião revelada, segundo momento da seção sobre o Espírito Absoluto, presente nas três edições da *Enzyklopädie der Philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (*Enz.*) de 1818, 1827 e 1830; o extenso parágrafo 270 sobre as relações Igreja-Estado das *Grundlinien der Philosophie des Rechts oder Naturrecht und Staatswissenschafl im Grundrisse*, de 1821; a breve recensão intitulada *Vorrede zu Hinrichs' Religionsphilosophie*, de 1822; e algumas reflexões contidas nas *Vorlesungen über die Ästhetik*, de 1820 e 1829, e em seu epistolário. Em todos esses escritos, Hegel põe a religião como elemento necessário ao processo de formação e cultura (*Bildung*) dos povos, o que nos impõe considerar o caráter didático das *VPhR* como algo que extrapola o mero interesse de pesquisa do professor e reitor da Universidade de Berlim, ou seja, a urgência desses escritos provinha da necessidade de estabelecer algo ainda em construção na cabeça do filósofo: o conceito de religião e suas implicações no *Mundo do Espírito* (*W*, v. 17, p. 309).

No entanto, a pergunta pela coerência sistemática das *VPhR* se impõe, já que tais anotações de aula não foram consideradas para publicação pelo próprio filósofo, denunciando o risco que se corre ao elucidarmos nelas um protagonismo que o próprio Hegel não deu. Sabemos que o momento da religião já fora exposto tanto em seus *Theologische Jugendschiften*[2] quanto na *Phänomenologie des Geistes* (*PhG*), de 1807, enquanto momento predecessor ao

[2] Os mesmos foram reunidos e organizados em cinco partes por Herman Nohl, que também os nomeou: 1) *Religião Popular e Cristianismo*; 2) *A Vida de Jesus* (aqui adotando a titulação dada por Rozenkranz); 3) *A positividade da Religião Cristã*; 4) *O Espírito do Cristianismo e seu Destino* e 5) *Fragmento de Sistema de 1800*. (Beckenkamp 2009, p. 32-33).

Saber Absoluto, o que levanta a questão: o que mais se poderia acrescentar, já que nessa fase berlinense, aparentemente, deveríamos ter diante de nós um sistema filosófico completo e acabado? A resposta é que encontramos nas *VPhR* uma visão objetiva e detalhada da religião, ou, em termos hegelianos, sua apreensão enquanto *conceito*. Notemos que, diferentemente do tratamento subjetivo dado ao tema na *PhG*, as *VPhR* o expõe em uma nova perspectiva especulativa, pois aqui o processo dialético obedece agora a um silogismo objetivo: o conceito de religião foi exposto em seu devir histórico, desdobrando-se no tempo e na cultura humana. A surpresa ao considerarmos a relevância sistemática das *VPhR* está na consideração de que o velho Hegel ainda tinha o que evoluir em sua última década de vida (1821-1831) – compartilhando aqui da constatação de Lardic (1994, p. 9): «É hora de falar do último Hegel. Se há algo que conhecemos pouco é o último período do pensamento de Hegel em Berlim» –, pois a plena realização da religião enquanto substância espiritual manifesta, a seu ver, ainda deveria ser explicitada didaticamente[3], já que fora apresentada de forma bastante resumida no terceiro volume da *Enz.*, considerada como a apresentação tópica de seu sistema filosófico (Dickey 2014, p. 353-354).

Estes escritos ganharam relevância na *Hegelforschung*, justamente por apreender o caráter objetivo do conceito de religião, possibilitando uma clara compreensão do porque a esfera religiosa deveria ser considerada uma manifestação do Absoluto acima da Arte, e porque dela deveria *devir* a Filosofia. Encontramos aqui o desenvolvimento conceitual da experiência religiosa enquanto uma estrutura silogística objetiva, principal linha interpretativa do

---

[3] Essa pretensão hegeliana de englobar sistematicamente a religião, relacionado-a à filosofia e à vida ética, é o estopim da cisão do hegelianismo em três posições ou alas: a *acomodatícia* (hegelianos de direita), a *reformista* (hegelianos de centro) e a *radical* (hegelianos de esquerda). Segundo Sinnerbrink, esta era a questão: «se a filosofia de Hegel alcançou com êxito uma reconciliação quase religiosa com a realidade social e histórica existente (a visão dos hegelianos de direita); ou se apontava para além da reconciliação religiosa (uma mistificação) no sentido de uma transformação social e política da realidade a fim de realizar a nossa liberdade racional (a posição dos hegelianos de esquerda). [...] Se a filosofia é baseada na religião e defende a reconciliação com o mundo, então nossa tarefa é entender o mundo como sendo racional e assim nos reconciliarmos com o que existe. Se a religião está suprassumida pela filosofia, por outro lado, então o pensamento de Hegel se torna aberto a um par de leituras possíveis: a nossa tarefa tanto pode ser a tarefa crítica de testar se a nossa realidade social e histórica está em conformidade com a razão, ou, mais radicalmente, pode se tornar a tarefa política de transformar ativamente o nosso mundo em nome da realização da razão na realidade histórica» (Sinnerbrink 2017, p. 69-70).

projeto de uma edição crítica das *VPhR*, realizado por Walter Jaeschke (Versão Alemã)[4], Ricardo Ferrara (Versão Castelhana)[5] e Peter C. Hogdson (Versão Inglesa)[6], que organizaram suas versões a partir de um movimento que vai do *lógico* (conceito geral de religião) ao *natural* (religião determinada ou finita), e deste ao *espiritual* (religião consumada ou manifesta).[7]

Esse trabalho de reorganização e reedição fez-se necessário porque não poderíamos esquecer que as *VPhR* foram compiladas por seus alunos após sua morte – assim como as lições de estética, sobre filosofia da história e história da filosofia –, e passaram por uma série de acréscimos, seja de originais do filósofo, seja dos apontamentos de alguns de seus ouvintes. Cabe lembrar que a primeira edição das *VPhR* ocorreu em 1832, sob a tutela de Philipp Marheinecke, versão que fora consideravelmente ampliada por novos manuscritos e notas de ouvintes sob a responsabilidade de Bruno Bauer, em sua segunda edição, em 1840.[8] A falta de uniformidade desses textos impôs aos editores do projeto de uma *edição crítica* das mesmas uma missão colossal: determinar o esquema original proposto por Hegel para as mesmas, em meio a essa diversidade de fontes, pois as edições anteriores ainda estavam às voltas com o caráter assistemático desses textos. Dentre os escritos considerados por Jaeschke, Ferrara e Hogdson para execução do projeto exposto nos dois artigos intitulados *Hegel's Philosophy of Religion: The Quest for a Critical Edition* (1980), devemos considerar três categorias de fontes:

---

4 Hegel. G. W. F. *Vorlesungen über die Philosophie der Religion – 3 Bänden*. Editada e comentada criticamente por Walter Jaeschke. Hamburg: Meiner Verlag, 1983.

5 Hegel. G. W. F. *Lecciones sobre Filosofia de La Religión – 3 tomos*. Editada e traduzida por Ricardo Ferrara. Madrid: Editorial Alianza, 1984/1985/1987.

6 Hegel, G. W. F. *Lectures on the Philosophy of Religion – 3 volumes*. Edição e tradução de Peter C. Hodgson, Robert F. Brown e J. Michael Stewart. Berkeley: University of California Press, 1984/1987/1985.

7 Cuja ordem e sentido fora exposta por trabalhos como os de Albert Chapelle, *Hegel et la Religión* (1964), Walter Jaeschke, *Die Religionsphilosophie Hegels: Wissenschaftliche Buchgesellschaft* (1983) e Peter C. Hogdson, *Hegel and Christian theology: a reading of the Lectures on the Philosophy of Religion* (2005).

8 Primeira edição das Obras Completas de Hegel, denominada de *Freundesvereinsausgabe* (Hegel, G. W. F. *Werke. Vollständige Ausgabe durch einen Verein von Freunden des Verewigten*) e editada por seus alunos Philipp Marheinecke, Johannes Schulze, Eduard Gans, Leopold von Henning, Henrich Gustav Hotho, Karl Ludwig Michelet, Friedrich Förster. Essa edição é composta por 18 volumes e fora publicada entre 1832-1845.

1) as notas manuscritas de Hegel, respectivamente, o manuscrito das *Lições de 1821*, ulteriormente publicado por Karl-Heinze Iltings[9], e as notas preparatórias que o filósofo usou para as mesmas *VPhR*; 2) os apontamentos dos ouvintes destes cursos, respectivamente: a) Hotho, Deiters, Griesheim sem as adjunções de Hegel, b) as de Pastenacci e Kehier para as *Lições* de 1824; c) Anônimo, Huber e Boerner para as de 1827; e 3) o que podemos chamar de fontes secundárias, ou seja, o conjunto dos textos inseridos nas anteriores edições das *VPhR*, e que vieram a perder-se posteriormente: a) a edição preparada por Bauer é fonte indireta do texto dito «*Convolut*» e dos apontamentos de Leopold von Henning para as *Lições de 1821*, b) a edição preparada por Georg Lasson (1921-1927)[10] surge como fonte indireta dos apontamentos de Johann Eduard Erdmann e, por conseguinte, das lições de 1827 (cf. Aquino, 1984; Giordano, 2011).

Assim, estabelecendo que não foram raras as vezes que Hegel analisou o conceito de religião, podemos afirmar que esse é um tema que lhe preocupa de forma especial, e isso desde os tempos do Seminário de Tübingen. No entanto, será em sua docência em Berlim que transformará a religião em um dos assuntos centrais de sua reflexão.

Para os principais intérpretes desse tópico da filosofia hegeliana, as *VPhR* tematizaram a religião como algo que vai além da esfera institucional, vinculando-a intrinsecamente à esfera do humano, o que abre inúmeras possibilidades de interpretação à experiência religiosa para além do sistema hegeliano, pois demarca a inovação que sua filosofia da religião propôs ao pensamento moderno. Hegel teceu ferrenha crítica às posturas iluministas e românticas no que tange à religião. Por exemplo, as interpretações de Imannuel Kant e Johann Gottlieb Fichte do fenômeno da religião pareciam-lhe inaceitáveis, porque uma religião dentro dos limites da simples razão filosófica cessaria de ser propriamente religião (*W*, v. 1, p. 294-301), no entanto, reconhecia o problema resultado do não vincular a religião com a razão filosófica, pois isso reduziria a mesma a um espaço de mero apelo sentimental e irracional – nesse sentido, posiciona-se enfaticamente contra as propostas de

9 Hegel. G. W. F. *Religionsphilosophie, vol. 1: die Vorlesung von 1821*. Ed. K.-H. Ilting. Napoles: 1978.

10 Hegel. G. W. F. *Vorlesungen über die Philosophie der Religion – 3 Bänden*. Organizado por G. Lasson e J. Hoffmeister. Hamburg: Meiner Verlag, Leipzig 1921/1927.

Friedrich Heinrich Jacobi e Friedrich Schleiermacher (*W*, v. 1, p. 388-393). Assumiu uma postura que implicava não considerar de forma abstrata, intelectual ou emocional o que era a religião, mas em tê-la como algo de caráter antropológico e histórico, ou seja, uma expressão genuína do Espírito. Sua proposta, apresentada desde a *PhG,* baseava-se na passagem da forma da *Representação (Vorstellung)* – a religião –, para a forma do conceito (*Begriff*) – a filosofia –, pois «A *Vorstellung* simplesmente narra (*erzählt*); ela não revela as conexões internas. Essa será tarefa do pensamento» (Taylor 2014, p. 518). Tudo dependia da compreensão de que há uma identidade entre os conteúdos da religião e da filosofia, pois ambas tratavam do mesmo objeto, ainda que em níveis diferentes. Assim, as *VPhR* de Berlim não apenas determinam que lugar e relevância ocupe a religião no sistema hegeliano, mas, mais do que isso, expõem uma nova postura diante do fenômeno religioso, agora assumido como instância necessária da formação humana – entenda-se: instância necessária para realização do Espírito Absoluto no mundo (Hösle 2007, p. 694-695).

Seguindo essa linha interpretativa, o trabalho realizado pelos editores da edição crítica das *VPhR* nos possibilitou analisar o caráter dialético da religião na maturidade de Hegel. Caráter esse determinado pela relação intrínseca que há entre a esfera do divino e do humano, do necessário e do contingente, do finito e do infinito, ou seja, a complexa dialética do ideal efetivado pelo filósofo em sua filosofia da religião – eis o principal desafio de quem nela adentra. Hegel sentiu a necessidade de atribuir um sentido específico à religião, tomando-a em sua filosofia como uma unidade dialética entre finito e infinito, entre homem e Deus (Taylor 2005, p. 27).

Diferentemente de outras filosofias que se esforçaram na busca de uma teoria que garantisse a reflexão filosófica de Deus (Anselmo, Tomás de Aquino, Duns Scotus, Descartes, Leibniz, Kant), preocupa-se em demonstrar que a própria história humana constituiu tal prova, pois o Deus de Hegel está tão somente em sua manifestação: «O Espírito que não aparece, não é » (*W*, v. 16, p. 34). Assim, quando Hegel fala de religião nas *VPhR*, compreende-a como algo pressuposto e evidente na própria existência humana, ou seja, todo indivíduo está relacionado de maneira direta ou indireta com uma experiência que configura um saber sobre o Espírito (Taylor 2005, p. 23).

Dessa maneira, se na *PhG* o propósito era mostrar como a experiência da religião cristã constituía o passo necessário e último para ascensão ao saber

absoluto (ou seja, a filosofia tal como Hegel a concebe), nas *VPhR*, por sua vez, o propósito é demonstrar como e porque a religião cristã configura historicamente a consumação do conceito de religião enquanto efetiva manifestação do *Espírito Absoluto* no mundo, ainda que sob a forma da *representação* – que era uma forma de expressão insuficiente, mas necessária, pois se tratou de um processo formativo (*Bildung*) no qual o absoluto primeiramente manifestou-se de maneira acessível a todos os seres humanos via arte e religião. Assim, em sua filosofia da religião surgiu a ideia de que a mesma correspondia a uma necessidade intrínseca da própria formação humana, por isso assumiu na história formas cada vez mais complexas e determinadas de culto, como se fosse orientada a satisfazer seu anseio (finitude) pelo absoluto (infinitude).

Dito isto, passemos a uma breve exposição da consagrada estrutura triádica das *VPhR* que, como acima mencionado, foi mantida no decorrer das versões destes cursos: a) o momento lógico, b) o momento natural e c) o momento espiritual. O *Manuscrito de 1821* começou por determinar o conceito geral de religião, ou o momento lógico, e descreveu seu aparecer no mundo natural, marcado pela história e cultura humanas, nas religiões ditas determinadas ou finitas (Jaeschke; Hodgson, 1980). Nesse momento, a história das religiões não cristãs configura a dimensão natural ou objetiva desse aparecimento do conceito no tempo, o que justifica seu excurso histórico: partindo da imediaticidade das religiões naturais (as religiões orientais) para a reflexividade das religiões do sublime e do belo (as religiões judaica e grega, respectivamente), chega à religião da finalidade imediata e do entendimento finito (a religião romana), em um processo pautado por seu método especulativo. Tal percurso demonstra em sua visão o devir necessário da religião cristã, pois a consumação ou manifestação de Deus, ou melhor, do Espírito Absoluto em sua expressão religiosa, deveria constituir o momento espiritual de conciliação entre a exterioridade divina, expressa nas religiões anteriores, e a interioridade do culto religioso dos indivíduos, ainda fechados em suas subjetividades, efetivando, assim, o conceito de religião.

Temos aqui a divisão entre as religiões determinadas ou finitas e a religião consumada ou manifesta. As primeiras são as religiões dos povos, todas condicionadas pelo tempo e pelas culturas nas quais surgiram, razão pela qual o filósofo as enquadra como expressões do Espírito Objetivo. A religião consumada é aquela que efetiva o conceito mesmo de religião, que explicita,

através de sua doutrina e culto, o Espírito Absoluto. Quanto a qual seria essa religião histórica, o filósofo é direto: o Cristianismo. Como explica Taylor, Hegel crê que

> este é a culminância do longo e lento desenvolvimento da religião na história (...) O cristianismo é a religião absoluta porque apresenta o entendimento completo da estrutura ontológica das coisas. Ela possui o mesmo conteúdo que a filosofia; só a sua forma é diferente, por ser a *Vorstellung*. (Taylor 2014, p. 528)

Do ponto de vista doutrinário, compreende que o dogma cristão da Trindade (Pai-Filho-Espírito) é o que melhor apresenta a perseguida síntese dialética entre finito e infinito, própria do Espírito Absoluto. Por isso, tal excurso sobre a história das religiões não é um percurso aleatório, pois deve seguir uma estrutura lógica, já descrita em sua *Wissenschaft der Logik* (*WdL*), de 1812 e 1816, apresentando as religiões segundo a tríade especulativa do ser, da essência e do conceito (Borges 1998, p. 164).

Pautado nessa estrutura, o filósofo vislumbrou no próprio curso da história o molde dessa progressiva realização do conceito na vida dos povos. Em sua interpretação, cada religião histórica constituiu uma realização mais adequada do conceito de religião, o que torna sua *filosofia da história da religião* um excurso didático e necessário, segundo a percepção de W. Jaeschke, em sua introdução à edição crítica das *VPhR* (*VR*, v. 1, XX). Hegel precisou desvelar como essas diversas religiões, ao longo da história, efetivaram esse conceito. Esse silogismo objetivo encontrado nas *VPhR*, como dito anteriormente, suprassume o silogismo subjetivo da *PhG*, no qual a religião foi apreendida primeiramente através da fé em um além incognoscível e, posteriormente, elevado à experiência da consciência ao saber absoluto. A insuficiência dessa dimensão subjetiva induziu à consideração objetiva ou histórica da religião e, como tudo nesta filosofia, o isolamento destas duas dimensões, a subjetiva e objetiva, configurava mera manifestação unilateral e negativamente complementar do absoluto.

A lógica desta proposta especulativa implicava o suprassumir dessas dimensões em um terceiro momento, a religião consumada ou manifesta, vista em seu sentido último como a revelação do Deus presente tanto na consciência quanto na história. A grande síntese de sua filosofia da religião está na compreensão de que a experiência subjetiva da fé individual e a experiência objetiva das religiões históricas são dois lados de uma mesma moeda: a expressão do absoluto enquanto comunidade (*Koinonia*) (cf. *W*, v. 17, p. 53).

Conflicto de intereses: El autor declara que no tiene ningún posible conflicto de intereses. **Aprobación del comité de ética y consentimiento informado**: No es aplicable a este estudio. **Contribución de cada autor**: M.F.A.N. confirma que ha conceptualizado, desarrollado las ideas y escrito el trabajo como único autor y ha leído y aprobado el manuscrito final para su publicación. **Contacto**: Para consultas sobre este artículo debe dirigirse a: (✉) marcos_nicolau@uvanet.br.

Referencias

Aquino, Marcelo (1984). «Atualidade da Filosofia da Religião de Hegel». *Síntese*, v. 11, n. 32, pp. 21-32.

Beckenkamp, Joãosinho (2009). *O jovem Hegel: formação de um sistema pós-kantiano*. São Paulo: Loyola.

Borges, Maria de Lourdes Alves (1998). *História e Metafísica em Hegel: Sobre a noção de Espírito do Mundo*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Chapelle, Albert (1964). *Hegel et la Religion - 4 vols*. Paris. Éditions Universitaires, 1964.

Dickey, Lawrence (2014). «Hegel, a religião e a filosofia». In: BEISER, F. C. (Org.), *Hegel*. São Paulo: Ideias & Letras, pp. 353-406.

Giordano, Diego. (2011). «The Hegels Vorlesungen Über die Philosophie der Religion (1821-1831)». *Kriterion*, no. 123, pp. 75-88.

Hegel, Georg Wilhelm Friedrich (1986). *Werke: [in 20 Bänden]. Auf der Grundlage der Werke von 1832-1845 neu edierte Ausgabe*. Organizadas por Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.

Hegel, Georg Wilhelm Friedrich (1993). *Vorlesungen über die Philosophie der Religion*. Editado por Walter Jaeschke. 3 vols. Hamburg: Felix Meiner.

Hösle, Vittorio (2007). *O sistema de Hegel: o idealismo da subjetividade e o problema da intersubjetividade*. São Paulo: Loyola.

Jaeschke, Walter (1980). «Hegel's Philosophy of Religion: The Quest for a Critical Edition». *The Owl of Minerva*, v. 11, Issue 3, pp. 4-8.

Jaeschke, Walter; Hodgson, Peter C. (1980). «Hegel's Philosophy of Religion: The Quest for a Critical Edition – part 2». *The Owl of Minerva*, v. 11, Issue 4, pp. 1-6.

Lardic, Jean-Marie. (1994). «Presentation». In: HEGEL, G. W. F. *Leçons sur le preuves de l'existence de Dieu*. Paris: Aubier.

Sinnerbrink, Robert (2007). *Hegelianismo*. Petrópolis: Vozes.

Taylor, Charles (2005). *Hegel e a sociedade moderna*. São Paulo: Loyola.

Taylor, Charles (2014). *Hegel – Sistema, Método e Estrutura*. São Paulo: É Realizações.

Información sobre el autor

► **Marcos Fábio Alexandre Nicolau** es Profesor Adjunto en el Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Brasil. Doctor en Educación [≈ PhD] por la Universidade Federal do Ceará, Brasil. Su trabajo se centra en la metafísica moderna, filosofía de la educacion y idealismo alemán. Es autor de 'O conceito de Bildung em Hegel' (Sertãocult/Edições UVA: Sobral, 2019). **Contacto:** Curso de Filosofia, Campus Betânia, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Avenida da Universidade nº850, Código Postal 62040-370, Sobral, Ceará, Brasil. — (✉): marcos_nicolau@uvanet.br. — ID https://orcid.org/0000-0002-6077-8055..

Como citar este artículo

Alexandre nicolau, marcos fábio (2021). «Um breve excurso acerca das Lições sobre Filosofia da Religião de G. W. F. Hegel». *Analysis* 30, pp. 145–154..